

COMO TRABALHAR O CINEMA NAS AULAS DE GEOGRAFIA? – APONTAMENTOS PARA UMA PRÁTICA EM ABERTO

Gabriela Naiara de Souza Candeu
gabrielacandeu@hotmail.com¹

Cláudio Benito O. Ferraz
cbenito2@yahoo.com.br²

Resumo

Como participantes do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas (GPLG), desenvolvemos uma análise para sobrepor a formação do professor e seu papel em sala de aula, a partir das linguagens imagéticas do cinema, para que o uso de filmes acrescentasse de uma forma artística e filosófica o campo do conhecimento por parte dos alunos que através do projeto de extensão financiado pela Proex/UNESP, possibilita o trabalho na escola EM Vilma Gianotti Martinez. Tendo como base a Lei nº 13.006, que o Governo Federal, através do Ministério da Educação (MEC), aprovou em 26 de junho de 2014, que estabelece obrigatoriedade da exibição de filmes de produção brasileira nas escolas públicas e particulares, de todo o território nacional. Como decorrência, pontuamos nosso entendimento sobre a questão da linguagem cinematográfica, estabelecendo nosso referencial para contribuir com o planejamento de atividades interdisciplinares para a melhor qualificação do professor.

Palavras-chave: Geografia; Formação de professores; Linguagem Cinematográfica.

Introdução

Como participantes do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas (GPLG), desenvolvemos atividades que visam estabelecer encontros entre linguagens científicas, artísticas e filosóficas que tenham o referencial espacial como linha aglutinadora de nossos estudos para melhor preparar o professor no trabalho em sala de aula, em especial no domínio de novas linguagens potencialmente localizadas no universo cultural dos alunos, como é o caso da linguagem imagética do cinema e/ou do vídeo.

Por outro lado, o Governo Federal, através do Ministério da Educação (MEC), aprovou em 26 de junho de 2014 a Lei nº 13.006, que acrescenta o parágrafo 8º ao artigo 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei Diretrizes e Base da Educação), a qual

¹Estudante de Geografia da FCT/UNESP de Presidente Prudente (São Paulo, BR).
Membro do GPLG

² Prof. Dr. em Geografia da FCT/UNESP de Presidente Prudente (SP)
Coordenador do GPLG



estabelece a política norteadora da educação nacional, instituindo a obrigatoriedade de exibição de filmes de produção brasileira nas escolas públicas e particulares, de todo o território nacional, ou seja: “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais”.

Diante do exposto, passamos a desenvolver este projeto de extensão financiado pela Proex, a partir de duas frentes de atuação. A primeira, a qual estamos desenvolvendo atualmente, se concentra em analisar os textos que elegemos para pensar o trabalho com o cinema na sala de aula, assim como o contexto político e econômico que envolve a efetivação dessa atividade na escola perante a realidade brasileira, pois os recursos destinados para a compra das mídias e dos filmes, visando dar conta de todas as escolas do território brasileiro atenderem a essa nova lei, ataçam o mercado cinematográfico, que em boa medida se encontra na mão das grandes mídias, como as da Globo Filmes, vinculada a maior rede de televisão do país (Rede Globo de Televisão).

Uma segunda frente de abordagem é a pesquisa de campo para levantar as condições de infraestrutura das escolas do município de Presidente Prudente, assim como as formas e as dificuldades das escolas e professores para trabalhar o cinema nacional em acordo com seus projetos pedagógicos. No entanto, essa outra abordagem começou a ocorrer após o devido amadurecimento conceitual e de leitura das condições políticas e pedagógicas que envolvem a efetivação da lei 13.006.

Portanto, nos atendo ao campo de abordagem mais teórico da questão de se abordar filmes no interior da escola, vamos aqui pontuar os parâmetros que empregamos para o desenvolvimento da pesquisa, assim como esboçar as conclusões que até agora conseguimos territorializar.

Objetivos

Em acordo com os objetivos do GPLG, nossa pesquisa sobre o trabalho do cinema na escola, em especial nas aulas de geografia, não é dizer como trabalhar com o cinema, mas contribuir para que o professor tenha melhor preparo para abordar a linguagem cinematográfica, seja analisando filmes, seja elaborando vídeos com seus alunos, de maneira a



facilitar didaticamente a aprendizagem ou permitir meios mais prazerosos de memorização, por parte do aluno, do conteúdo dado como certo a ser reproduzido.

Nossos objetivos não necessariamente se voltam para o como trabalhar determinada ferramenta para efetivar a aprendizagem dos alunos, mas sim de exercitar nos professores e educadores da escola EM Vilma Gianotti Martinez, as percepções e pensamentos espaciais, que derivam da observação e análise da linguagem cinematográfica empregada na elaboração de uma obra, com a intenção de aprimorar a capacitação desse profissional no domínio de determinadas habilidades necessárias a melhor qualificação do seu trabalho (GALLO, 2012). Cabe a ele, professor, exercitar a autonomia intelectual para criar seus próprios caminhos e mecanismos de trabalho em acordo com as condições que identifica na múltipla territorialidade que é cada sala de aula (SANTOS, 2007).

Visando dar conta de tais objetivos, passamos a experimentar um ferramental teórico e metodológico que melhor se adequava aos objetivos e ao objeto a ser abordado, ou seja, para se pensar o que significa, quais os limites e potencialidades de se trabalhar a linguagem cinematográfica na escola, sendo as potencialidades permitir novas sensações que instiga novas percepções e pensamentos, e suas limitações a infraestrutura e a forma como é trabalhada podendo ou não alcançar as potencialidades.

Metodologias e discussões

O Projeto de Extensão, Cinema na Escola: o que pode um filme em sala de aula? , do qual este texto é consequência, faz parte das atividades desenvolvidas no interior do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas (GPLG), articula uma série de ações e pesquisas que visam experimentar outras possibilidades de se pensar os conceitos estruturadores do discurso científico da Geografia, buscando aproximações e trocas com linguagens artísticas e filosóficas que possam instigar outras imagens e sentidos espaciais, notadamente em sua perspectiva de ensino.

Desde Abril deste ano, em encontros na maioria das vezes quinzenais, levamos essa discussão referente à linguagem cinematográfica e incitamos a discussão entre os presentes, o que visivelmente não é realizado fora desses momentos. Nos encontros ocorridos foi feito um levantamento junto os professores e educadores, sobre quais eram os gêneros de filmes que mais lhes interessavam fora da escola, os porquês, e quais eram tais filmes, após o

questionamento começou a troca de gostos e naturalmente estavam dialogando sobre o enredo do filme e os possíveis finais que mudaria completamente toda a história.

A grande maioria respondeu que busca nos filmes uma forma de lazer e entretenimento “para relaxar”, “sonhar”, e “dar risadas”, com intenção de fugir dos problemas da vida real ou como uma forma de viajar no que não existe, são as falas que justificam as escolhas sendo a maioria pelo gênero desenhos infantil, comédia e fantasia, já os títulos mais comentados foram: Frozen, Mickey, Princesas e Bob Esponja, e o grande motivo dos títulos foi que “são lindos, permitem assistir em família e também trabalhar com as crianças”. Tais respostas fizeram-nos concluir que os professores teriam seus próprios motivos para procurarem em seus momentos livres que usam para ver filmes, artifícios que os fazem desligarem da realidade.

Em um encontro posterior, a partir de leituras, foi abordada como metodologia uma apresentação em que professores e educadores refletiram sobre o dia a dia deles no trabalho e como isso afetava para além da escola; entre o lado positivo e as grandes dificuldades, foram destacadas por eles principalmente as problemáticas que a profissão enfrenta atualmente, como a sobrecarga de tarefas, os alunos que não demonstram mais o mesmo interesse e a má valorização do trabalho.

Essas várias leituras se articulam no contexto agenciador do pensamento de Gilles Deleuze, notadamente em seus estudos sobre o cinema (DELEUZE, 1985), principalmente pelo aspecto de seu pensamento apontar para a pertinência de se produzir pensamentos a partir do estabelecimento de intercessores entre os planos filosóficos, artísticos e científicos, portanto, dando condições teóricas e práticas de se desenvolver uma pesquisa em que a linguagem científica, aqui a geográfica, entra em contato com a linguagem artística, no nosso caso a do cinema, para se potencializar novos referenciais de localização e orientação espacial a partir desse encontro entre campos distintos do conhecimento (MASSEY, 2008; FERRAZ, 2012).

Nos nossos encontros do grupo GPLP houveram encontros para analisar filmes paralelamente as leituras relacionados as temáticas das pesquisas como por exemplo, os filmes: Tom Boy (2011) discutindo sobre gênero, sexualidade corpos e significados; Entre os muros da escola (2008) debatendo sobre educação e diversidade; A hard day’s Night (1964),



onde discutimos a indústria cultural cinematográfica e liberdade; South Park (1997) abordando o ambiente escolar e preconceito; O som do Ruido (2010) fazendo analogia entre o mundo globalizado e resistência; e por ultimo Nação Fast Food (2006) questionando a questão ambiental e a qualidade de vida.

Conclusões da pesquisa até agora trilhada

Em decorrência de nossas leituras e debates realizados no coletivo do GPLG, assim como nossas experimentações em abordagens e análises feitas de vários filmes que tivemos contato nos encontros do grupo, percebemos que nesse texto deveríamos melhor pontuar nosso entendimento sobre a questão da linguagem, e como decorrência desse entendimento, estabelecer nosso referencial de como nos posicionamos perante a linguagem cinematográfica.

Nossa concepção de linguagem se articula com nossos objetivos e referenciais teóricos, ou seja, de um lado é não adotar uma postura de estabelecer verdades e modelos de como trabalhar o cinema na escola, e de outro, estreitamente a essa intenção relacionada, é de buscar sempre a possibilidade de trocas entre as linguagens científicas e artísticas. Se almejamos trocas entre linguagens, não podemos tomar a linguagem como algo que se restringe a uma concepção de exercer comunicação e informação em si, limitada a uma estrutura lógica que estabelece a relação de identidade entre o significante e o significado, entre o mundo e a representação (DELEUZE, GUATTARI, 1992), como se a palavra fosse a representação exata da realidade, ou pior, que a realidade fosse exatamente aquilo que se representa na palavra denominada.

Optamos por entender linguagem como uma força agenciadora de signos, enunciados e corpos capaz de criar sentidos e significados por meio de uma estrutura significa qualquer, o que permite forçar ou rasurar um campo linguístico quando em contato com outro (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Tais rasuras é que levam a linguagem de um campo assim tensionado, violado, buscar criar pensamentos capazes de dar outros sentidos ao que até então estava consolidado como informação verdadeira daquele campo linguístico. Essa definição, por si só genérica, é pertinente para nossos objetivos aqui quanto a necessidade de caminhar entre o referencial conceitual mais elaborado e sua efetivação em meio a generalização cotidiana.

Nesse aspecto, tomamos a questão da linguagem como uma potência articuladora de signos, não restritos a meramente comunicar e informar fatos entre indivíduos, mas sim uma força imanente a vida social (VASCONCELLOS, 2006), dos corpos em suas relações e encontros a fazerem da linguagem a força transformadora significativa da realidade.

Linguagem, por conseguinte, tem um aspecto fundamental nos processos pelos quais os corpos significam seus referenciais espaciais, estabelecendo os sentidos de localização e orientação com que cada sociedade territorializa o mundo enquanto vida (FERRAZ, NUNES, 2013). Diante disso, torna-se necessário melhor delimitarmos nosso entendimento sobre a linguagem cinematográfica.

A linguagem do cinema é aqui entendida como uma articulação de imagens que passa o sentido de movimento no tempo e no espaço (ALMEIDA, 1999). Ou seja, pela forma como se captura os fenômenos na imagem cinematográfica, fazendo uso de uma semiótica de técnicas e recursos (tipo e grau de enquadramento da cena, de qual ângulo registrar os fenômenos, a que distância fazer a tomada, qual a intensidade de luz/sombra destacar etc.), e como essas imagens são editadas e montadas (cortes, passagens de uma tomada a outra, uso de sons, diálogos etc.) acaba se desdobrando na delimitação de um determinado sentido de movimento de tempo, o qual desemboca numa dada percepção de espaço (DELEUZE, 1985).

Esse sentido, que Deleuze (1985) caracteriza como sensório motor, atende os nossos desejos perceptivos de ordenação sequencial e linear dos fatos, estabelecendo assim uma certa “naturalização” da ordem perceptiva, uma sequência linear (ontem – hoje – amanhã, ou causa/efeito), que explica por uma única perspectiva a uniformidade evolutiva dos fenômenos, a qual se dá sobre um espaço extensivo, uma superfície passível de mensuração e delimitação (SANTOS, 2007).

A linguagem do cinema, portanto, reverbera num imaginário social de construção de sentidos de espaço e de tempo específicos, o que pode consolidar uma imagem fixa e autoritária do que se tem por espaço e tempo, assim como de vida e sociedade. No entanto, por ter uma potência artística inerente ao seu fazer, o cinema carrega consigo forças capazes de romper com essa estética da uniformidade perceptiva, permitindo assim outras experimentações de sentidos de tempo e de espaço (CAZETTA, OLIVEIRA JR, 2013).



A linguagem cinematográfica é o campo de referências estéticas, de composição artística, estabelecido por cada criador de obra cinematográfica, um monumento de sensações (DELEUZE, GUATTARI, 1992), e enquanto obra de arte agencia sons e imagens para instigar novas percepções e pensamentos de tempo e de espaço, tanto por expressar, pela maneira singular com que se montou e editou as imagens e sons, outra sensação de evolução temporal (DELEUZE, 1985), rompendo com a linearidade sequencial do passado-presente-futuro, quanto por instaurar o acontecimento da multiplicidade espacial numa articulação de imagens, ou como Deleuze (1985) apontou: os lenções do tempo dobrados e redobrados em imagens que se tencionam, fragmentadas, desconectadas etc.

Tal entendimento de linguagem cinematográfica permite que se estabeleçam outras experimentações do espaço, rompendo com o sentido de uniformidade extensiva sobre o qual os objetos são depositados, para se entende-lo como multiplicidade de tempos na intensidade dos corpos que se encontram (MASSEY, 2008). Espaço como acontecimento da vida em sua contingencialidade e mobilidade espacial. Isso abre para a geografia, para o professor de geografia, todo um universo de possibilidades para se trabalhar o mundo a partir do lugar em que se encontra.

Considerações finais

Posterior toda essa discussão teórica feita até mesmo antes do trabalho entrar em vigor, tratamos sobre o trabalho diretamente com os professores dentro da escola, eles concordam com a lei em que torna obrigatória a exibição nas escolas, porém disseram que já trabalhavam com filmes, mas como momentos de lazer ou em alguns momentos para exemplificar assuntos abordados em sala de aula, e não como reflexão sobre a construção do cinema, escolha da forma de produção, questionamento do filme como um produto onde tem intencionalidades de hábitos e questões culturais por trás de intenções de propaganda e ate mesmo relação com outras linguagens científicas e artísticas.

Argumentaram que a lei não esclarece como deveria ser trabalhado esses filmes, e qual o intuito de tal trabalho. Além disso, é desenvolvido ações para que os professores reflitam seu papel na escola, contudo na formação de seus alunos, se realmente levam para a sala de aula ferramentas para que se possa debater e incitar uma reflexão além do que é trazido pelas apostilas que normalmente norteiam a educação em todas as escolas públicas do estado de São Paulo. Nota-se que o psicológico a eles pertencente encontra-se abalado e saturado pelo

trabalho metódico convencional, porém existe certa resistência a desconstruir estes e a acrescentar novas percepções para que assim reflita na aprendizagem dos alunos.

Mesmo o projeto estando em seu início é visível mudanças nos diálogos feitos durante os encontros pelos professores e educadores, o que é um ponto positivo sobre o objetivo do projeto em trabalhar através da linguagem cinematográfica formas de aguçar a compreensão da discussão teórica relacionado ao universo cultural interdisciplinar vivenciada pelos alunos.

Esperamos que até o final deste projeto vamos ter concluído com sucesso todos nossos objetivos e até poder amplia-lo em outras escolas para que tal discussão entre em pauta no ensino juntamente a lei entrada em vigor.

Referencias bibliográficas

- ALMEIDA, J. M. **Cinema Arte da Memória**. Campinas (SP): Autores Associados, 1999.
- AITKEN, S.; Z., L. (Eds.). **Place, power, situation and spectacle: a geography of film**. Lanham: Rowman & Littlefield, 1994.
- AZEVEDO, A. F. Geografia e Cinema. CORREA, Roberto L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Cinema, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: 2009, p. 95-128.
- BRASIL. **Leis Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: MEC. 1996. Endereço de acesso às atualizações: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm . Acessado em 22/06/2014.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. educacaointegral.org.br/wp.../diretrizes_curriculares_nacionais_2013.pdf . Acessado em 20/06/2014.
- BRASIL. **Programa Mais Cultura nas Escolas**. Brasília: MinC, 2014. www.cultura.gov.br/maisculturanasescolas . Acessado em 21/06/2014.
- CAZETTA, V.; OLIVEIRA JR., W. M. (orgs.). **Grafias do Espaço – imagens da educação geográfica contemporânea**. Campinas (SP): Editora Alínea, 2013.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O Que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G.. **Cinema 1: A imagem-movimento**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- FERRAZ, C. B. O. Imagem e geografia: considerações a partir da linguagem cinematográfica. **Espaço & Geografia**, v. 15, n. 2, p. 357-384, 2012.
- FERRAZ, C. B. O.; NUNES, F. G. (orgs.). **Imagens, Geografias e Educação: intenções, dispersões e articulações**. Dourados-MS : Ed. UFGD, 2013.



GALLO, S. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HARVEY, D. **A construção pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

HOPKINS, J. Um mapeamento de lugares cinemáticos: ícones, ideologia e o poder da representação enganosa. CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Cinema, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: 2009, p. 59-94.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA JR., W. M. O que seriam as geografias de cinema? **Revista TXT – leituras transdisciplinares de telas e textos**. Belo Horizonte: Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão A tela e o Texto da UFMG, n.2, s/p, 2005. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/atelaetexto/revistatxt2/wenceslao.htm> Acessado em 12/05/2014.

TEIXEIRA, I. A. C.; LOPES, J. S. M. (ORGS.). **A Escola Vai ao Cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VASCONCELLOS, J. **Deleuze e o Cinema**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2006.